

DEPOIMENTOS

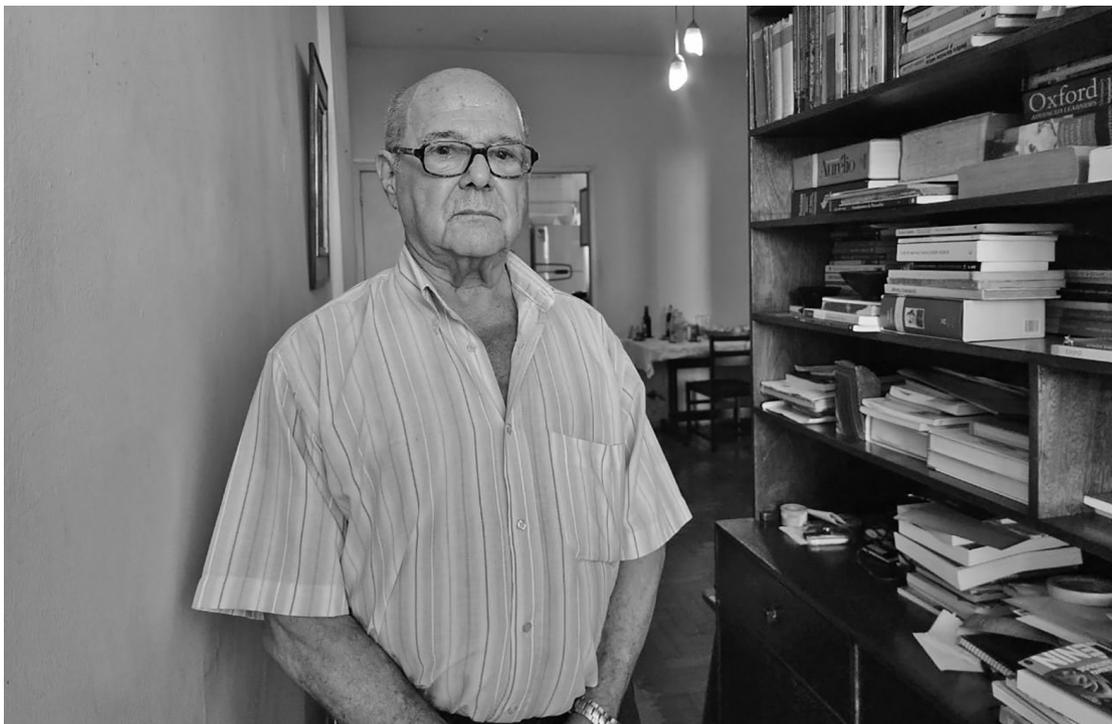
“Um pedaço da história que o tempo comprovou ter valido a pena”

Com a frase acima, o professor aposentado do Instituto de Letras da Uerj **NELSON RODRIGUES FILHO** finaliza o seu depoimento para esta edição especial da Advir em que relembra, de forma bastante sintética, o tempo heroico de fundação da Asduerj, em que os resquícios da ditadura civil-empresarial-militar ainda estavam presentes, mais do que agora.

Para ajudar-nos a relembrar essa história, cheia de lacunas e imprecisões, a Advir convidou, além do professor Nelson, membro das duas primeiras diretorias, o professor **RICARDO SANTOS**, personagem fundamental para a fundação, tendo ocupado por duas vezes o cargo de presidente, o professor **RONALDO LAURIA**, primeiro presidente eleito e o professor **JOSÉ EUSTACHIO BRUNO**, que, além de participar da Comissão de fundação, foi o terceiro presidente eleito da Asduerj.

Os textos são sínteses dos depoimentos gravados para o Canal do *YouTube* da Asduerj e que inauguram a série em que pretendemos ouvir as dezenas de docentes que ajudaram a construir esta histórica ao longo destes 45 anos. Como afirma ainda o professor Nelson, “o tempo enfraquece a memória, mas não é bastante forte para eliminar o que justifica e orgulha a existência”.

RICARDO SANTOS



Entre o final de 1977 e início de 1978, após ter sido absolvido pelo Superior Tribunal Militar¹, voltei à militância, e, agora, dentro da Uerj.

Acontecia um processo de reorganização geral em toda sociedade. Nas universidades, fervilhavam as entidades estudantis e, principalmente, as de docentes. No Rio, havia a Adpuc (Associação de Docentes da Pontifícia Universidade Católica) muito ativa. Em São Paulo, a Adusp (Associação de Docentes da USP).

Nesta época, convidei um professor da Universidade Federal Fluminense (UFF) – Paulo dos Santos Rodrigues – para ministrar aulas na Farmacologia. Ele então me falou sobre a formação de uma CoAD da UFF (Comissão de Organização da Associação Docente na UFF). Disse ainda que estava previsto, para o final daquele ano de 1978, o primeiro encontro nacional de ADs e CoADs, (ao qual comparecemos eu e o Antonio Carlos). Me interessei pela ideia. Pensamos em fazer uma Coaduerj. Mas, ao pesquisar, verificamos que a sigla (Aduerj) era usada pela Associação dos Diplomados da Uerj, e tinha inclusive assento no Conselho Universitário. Passamos então a utilizar a sigla Coapuerj. A UFRJ seguiu caminho similar.

Obtivemos cópias de outros Estatutos e anteprojetos de Estatutos, além do da Aduff, como o da Adpuc e da Adufj, bem como de ADs de São Paulo, através de outros contatos. A partir destes documentos, redigimos um anteprojeto de estatuto para a Apuerj. Este levava muito em consideração o fato de não considerarmos a Uerj uma universidade na sua totalidade, pois sem pós-graduação e pesquisa; como se dizia na época “a Uerj era um grande Pedro Segundão”. A Coapuerj originalmente era composta por mim, pelo Waldinez Lima de Oliveira, por Antonio Carlos Campos de Carvalho, e o Aristides, professor de Fisiologia, todos do Instituto de Biologia. Depois vieram Antonio Augusto Quadra e José Eustachio Bruno, ambos da FCM. Antes disso, houve o contato com Reinaldo Felipe Nery Guimarães e (João) Regazzi, da Medicina Social, e que não compuseram a Coapuerj, mas muito ajudaram; pedi a eles que divulgassem o movimento no Hupe e no *campus* João Lyra. Reinaldo chamou o pessoal do Instituto de Letras, que disseram que não poderiam participar naquele momento. Antônio Carlos Ferrão e o Ronaldo Coutinho explicaram que não tinham as mesmas facilidades

de reunião e participação no *Campus*, estiveram em uma ou duas reuniões. Era o poder do Fascismo no país que limitava reuniões. Nesta época, a Biologia e a medicina eram um foco de resistência, em várias universidades.

Após redigirmos o anteprojeto, pedimos à Reitoria sala para reuniões. Em conversa com o Roberto Alcântara Gomes, que hoje dá nome ao Instituto de Biologia, pedi sua intermediação para conseguir espaço no *campus* Francisco Negrão de Lima (Maracanã) para a fundação. Ele me orientou a procurar o Vice-Reitor Fernando Sgarbi Lima. Este me disse para voltar depois, que veria o que poderia fazer. Quando voltei, Sgarbi pediu que procurasse o professor Airton, Diretor da Química, para discutir a questão. Procurei uma vez e não o encontrei, já antevendo tentativa de cooptação.

Neste ínterim um membro da Coapuerj trouxe a sugestão de formarmos a ABCD (Associação Benfeitora do Corpo Docente), prevista no antigo Estatuto da Uerj. Fui contra, e descrevi a ideia como “pelegagem”. Sugestão natimorta na CoAPUERJ.

O clima geral da sociedade, naquele momento, era de formar organizações de luta social contra o fascismo de então: pela Anistia Ampla Geral e Irrestrita, uma Constituinte livremente eleita e eleições diretas para Presidente da República e em todos os demais níveis.

Numa última tentativa de conseguir sala para fundar a AD voltei a procurar o Vice-Reitor e ficou mais claro que só sairia a sala se conversássemos, ou seja, se compuséssemos uma Associação com a Reitoria.

Em reunião da Coapuerj, expus a impossibilidade de obtermos sala. Todos discordaram e disseram do meu exagero. Propus que fossem ao Vice-Reitor Sgarbi e tentassem sem a minha presença. Foram e voltaram me dando razão: o Vice-Reitor queria pelegar a Coapuerj.

A partir desta constatação, convocamos a assembleia para fora da Uerj.

Pela lei, teríamos que publicar dois editais em jornais de grande circulação. Publicamos, como Coapuerj, um chamado à assembleia de fundação no dia 7 de maio de 1979, na sala 91 da Associação Brasileira de Imprensa (ABI).

Para nossa surpresa, no dia seguinte surge nos jornais um edital assinado pela Coapuerj, informando que a fundação da Apuerj tinha sido antecipada para o dia 3 de maio, no auditório 71, da Faculdade de Direito da Uerj. Roubaram nosso edital e o nosso nome. Reunimos a Comissão e redigimos, no coletivo, uma denúncia do fato. No dia 3 de maio, fomos em comissão ao auditório 71 onde estavam fundando a Apuerj. Fui escolhido para ler o documento. Estavam também conosco o Antônio Carlos Ferrão, o Aristides, o Bruno, Waldinez; e possivelmente outros como Vivaldo e Edna do Instituto de Biologia,

No Auditório 71 estavam Arnaldo Niskier, Secretário Estadual de Educação, e, dirigindo a Assembléia, o Professor Evanildo Bechara, professor de Língua Portuguesa.

Já apresentaram uma diretoria pronta e impuseram um estatuto sem discussão. Estava tudo pronto, acabado e definido.

Depois que li o documento da verdadeira Coapuerj denunciando a falsidade e a vergonha da criação de uma falsa AD, saímos do Auditório 71. O que vimos, do lado de fora, foi um monte de panfletos pregados nas paredes e elevadores que diziam: “A vergonha do 3 de maio tem de ser apagada da história da vida docente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Todos à ABI, no próximo dia 7 de maio de 1979 às 19:30 horas Auditório da ABI, 7º andar”.

Era mal impresso, feito em mimeógrafo, coisa de professor. Quem fez isso? Foi Vivaldo Moura Neto, hoje professor titular de Anatomia da UFRJ, a professora Édna Rienk de Souza, que levou um livro de ata pronto para a assembleia de fundação, e o Leonardo

(já falecido). Todos eram docentes da Biologia. Teve muita gente que não está mais na Uerj mas que teve papel fundamental no surgimento da Asduerj.

Diferente do que ocorreu no dia 7 de maio, levamos à ABI o anteprojeto de estatuto para discutir e fazer modificações. Discutimos item por item. Fizemos muitas modificações, imprimimos e registramos legalmente. Ao final, foram propostos nomes para a diretoria (provisória), pois não tínhamos nem candidatos. O nome – Asduerj – definimos depois. O único Diretor com cargo eleito pela Assembleia foi o Presidente; os demais a Diretoria distribuiu na sua primeira reunião. O processo todo foi muito democrático.

O clima geral da sociedade, naquele momento, era de formar organizações de luta social contra o fascismo de então

RONALDO LAURIA



Ainda vivíamos sob a ditadura, éramos celetistas e podíamos ser demitidos

No final da década de 1970 foi realizada na ABI a assembleia de fundação da Asduerj, pois não fora cedido um auditório no campus para a sua realização. Numa manobra da Reitoria, da qual participaram figuras da administração central, alguns diretores de unidades acadêmicas e alguns professores, foi criada às pressas uma associação docente com o nome de Apuerj. Esse foi o motivo alegado pela reitoria para não ceder um auditório para a assembleia de fundação “já que havia uma associação docente”. A negativa representou um claro obstáculo ao desenvolvimento de nossas atividades. Dessa assembleia eu saí Vice-Presidente da diretoria provisória e o Professor Ricardo Santos, Presidente. Trabalhamos para conseguir uma sede no campus e para organizar o processo eleitoral para a escolha da diretoria definitiva e do Conselho de Representantes. As reuniões ocorriam na casa do professor Ricardo Santos. O espaço para a sede não foi concedido mas o processo eleitoral foi realizado e eu fui eleito Presidente.

Durante todo o meu mandato, apesar dos pedidos insistentes, não foi cedido nenhum espaço, sob a mesma alegação. Conseguir um auditório para as assembleias também não era uma tarefa muito amena. Graças ao trabalho e dedicação de alguns professores, como o professor (Antônio Carlos) Ferrão, que sem participar da diretoria imprimia as nossas publicações no seu mimeógrafo a álcool, o professor Nelson Rodrigues Filho, de belo texto, na

forma e no conteúdo, o professor Luiz Fernando Magalhães Couto, nosso advogado, o professor José Eustachio Bruno, incansável batalhador das causas justas e inúmeros outros que não hesitaram em colocar em risco os seus empregos, em prol da causa, a Asduerj tentou cumprir o seu papel. Ainda vivíamos sob a ditadura, éramos celetistas e podíamos ser demitidos, bastando para isso a vontade de um diretor. À guisa de exemplo, um professor do Instituto de Química fora demitido por ter sido considerado “subversivo”. Iniciamos um movimento tentando preservar o seu emprego, mas recebi um telefonema do próprio professor pedindo que parássemos com aquilo ou ele perderia também o seu emprego na Escola Nacional de Química. Eram tempos difíceis. O professor Ricardo Santos estava em São Paulo fazendo o doutorado e a ausência dele fez muita falta nesses passos iniciais da Asduerj.

Em dezembro de 1980, sofri um infarto agudo do miocárdio que resultou num afastamento da Universidade por um ano e três meses e que quase resultou em aposentadoria por invalidez. Não conseguimos cumprir o calendário eleitoral e, para os contatos externos, eu continuei a receber a correspondência direcionada à Asduerj, na minha casa. Com a volta do professor Ricardo Santos, com o seu empenho, finalmente foi cumprido o calendário eleitoral e empossada uma nova diretoria, encabeçada por ele, sendo finalmente consolidada a nossa Associação.

JOSÉ EUSTACHIO BRUNO



A ASDUERJ (Associação de Docentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) foi fundada em 1979, mais exatamente em maio de 1979, portanto num período que poderíamos caracterizar como um “início de distensão” da ditadura, porém ainda dentro dos limites da repressão exercida pelo regime militar. Prova desse período de transição é que a ASDUERJ surge no mesmo ano de promulgação da lei da Anistia e pouco antes da prisão, como sindicalista, do atual presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, por dirigir uma greve de metalúrgicos no ABC paulista. Em decorrência disso não foram fáceis os caminhos a serem percorridos para a fundação da entidade, uma vez que as investidas contra o seu surgimento foram muitas, a começar pela proibição do uso de qualquer sala, anfiteatro ou outro ambiente físico para reuniões objetivando sua constituição. Por falar na origem da ASDUERJ é interessante e curioso destacar que o núcleo inicial de professores que criou a entidade pertencia ao Centro Biomédico. Interessante e curioso porque, em que pese não termos dados estatísticos reais sobre isto, tem-se, pelo menos, a impressão de que as áreas de ciências exatas ou biológicas seriam menos propensas a gerarem esse tipo de movimento do que aquelas das ciências humanas.

Mas, devemos repetir, a ASDUERJ teve seu núcleo original de fundação na área biomédica com quatro ou cinco professores dessa área constituindo a chamada COAPUERJ (comissão de organização da associação de professores da Uerj), comissão essa que, sem qualquer solução de continuidade, contou logo, logo com a adesão de um número praticamente igual de colegas do CAMPUS, indo culminar essa pequena organização e mobilização com a celebre e histórica assembleia dos 79 (setenta e nove) professores na ABI (Associação Brasileira de Imprensa) em maio de 1979.

E por que na ABI? Porque não conseguimos uma sala na Uerj para reunir os professores e assim realizar a assembleia de fundação, a qual, aliás, teve um outro obstáculo, materializado na criação de uma associação paralela: a famigerada APUERJ. Ou seja, o poder central da universidade, a Reitoria à época, visando matar a entidade no seu nascedouro convocou uma assembleia fajuta e conseguiu fundar uma associação paralela e pelega, roubando como pode se ver, inclusive, o nome da entidade autêntica. Não durou muito a farsa, pois os professores da Uerj perceberam a falcatura e trataram logo de ignorar a entidade pelega além de, por outro lado, fortalece-

rem cada vez mais a entidade criada na ABI já com o novo nome de ASDUERJ (ASSOCIAÇÃO DE

DOCENTES DA UERJ)

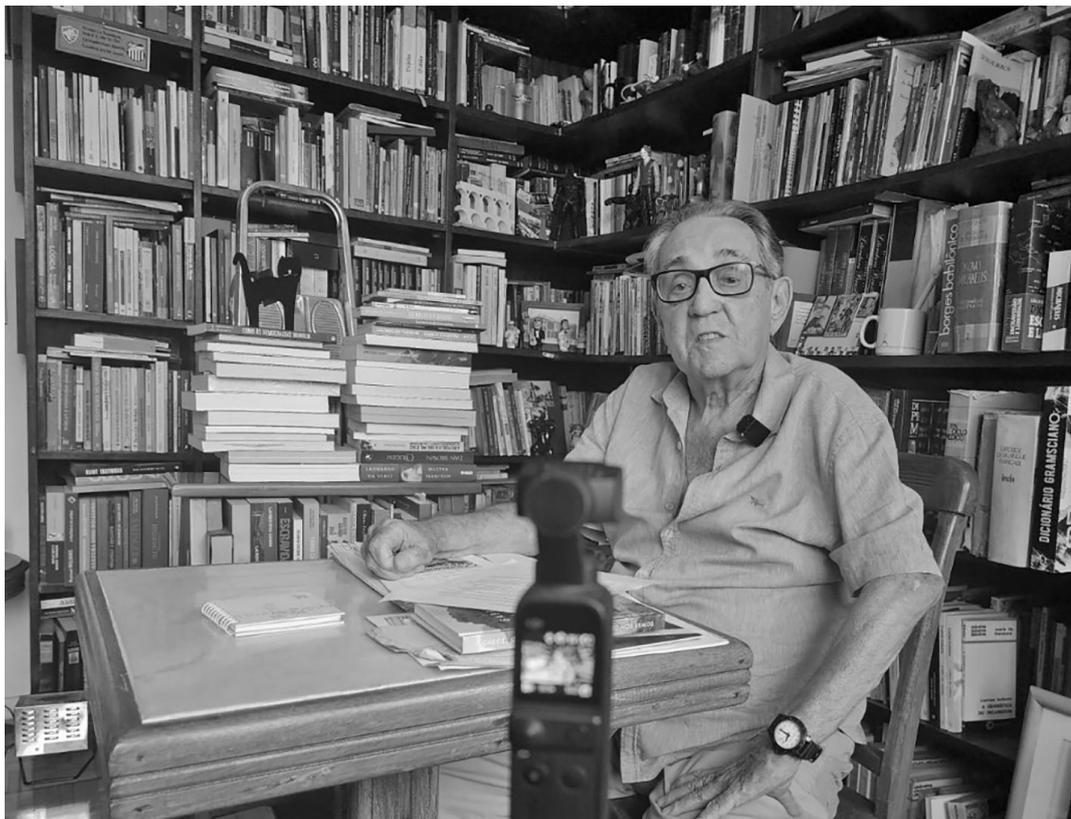
Observando em retrospectiva os seus vários anos de funcionamento não temos nenhuma dúvida em afirmar que a Uerj era uma e, depois, completamente outra após a formação da ASDUERJ; que o surgimento da Entidade juntamente com a atuação do SINTUPERJ (representação dos funcionários) mudou completamente o perfil da Universidade e que suas grandes conquistas ocorreram devido às lutas empreendidas por essas duas entidades representativas, devendo-se destacar ainda as contribuições do DCE/Uerj, bastante atuante à época. Irmanadas, essas 03 (três) instituições promoveram uma série de avanços em termos de condições salariais e de trabalho, o que nos leva a abrir aqui um parêntese para enfatizar que praticamente todos os reajustes salariais e melhorias nas condições de trabalho de professores e servidores nos últimos anos foram conseguidos através das lutas dessas entidades, uma vez que neste mesmo período todos os governos estaduais do Rio de Janeiro foram absolutamente irresponsáveis, jamais reconhecendo quaisquer direitos dos trabalhadores da Universidade.

Contudo, a ASDUERJ não dedicou seus esforços apenas às lutas corporativas, tendo sido um instrumento imprescindível aos progressos acadêmicos da universidade, sendo prova disso os planos de carreira para ambas as categorias implementados no interior da Uerj, planos esses que jamais teriam existido sem as cobranças e reivindicações feitas pelas entidades representativas. Inclusive, a propósito dessas lutas acadêmicas, num primeiro momento, a ASDUERJ foi vítima de campanhas caluniosas, dizendo que ela se dedicava tão somente às questões corporativas. MENTIRA (!), pois a ASDUERJ sempre teve ligações íntimas com as questões científicas e culturais, contribuindo sobremaneira com os avanços do conhecimento no interior da Universidade. Para ilustrar essa afirmação fazemos questão de recordar sempre ter sido a ASDUERJ (suprindo uma falha imperdoável da própria Instituição) quem organizou a “PRIMEIRA MOSTRA DE TRABALHOS CIENTÍFICOS DA UERJ”, ocasião em que foram divulgados centenas de trabalhos científicos produzidos pelos professores lotados nos vários departamentos dos 04 (quatro) centros setoriais da Universidade — Centro de Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas, Centro Biomédico e Centro de Tecnologia e Ciências).

Por fim, o surgimento da ASDUERJ e sua ação conjunta com o SINTUPERJ e o DCE-UERJ representou um verdadeiro divisor de águas dentro da Universidade, sendo suficiente lembrar que sem a atuação dessas entidades jamais teriam acontecido eleições diretas para reitor, diretores de unidades e outros cargos de direção na UERJ, e que as reuniões do CONSUN (Conselho Universitário) nunca seriam transparentes e abertas como são atualmente. Em outras palavras, poucas organizações sociais desempenharam papel tão relevante quanto a ASSOCIAÇÃO DE DOCENTES DA UERJ na democratização da universidade brasileira e, também, do país.

A Asduerj não dedicou seus esforços apenas às lutas corporativas, tendo sido um instrumento imprescindível aos progressos acadêmicos da universidade

NELSON RODRIGUES FILHO



O tempo enfraquece a memória, mas não é bastante forte para eliminar o que justifica e orgulha a existência.

No meu caso – ex-aluno e docente aposentado – tenho especial orgulho de ter participado da fundação da nossa Asduerj.

Não foi fácil. A Uerj de então era o império dos catedráticos e apaniguados, configurava-se o poder em moldes que se adequavam à ditadura vigente.

A criação de uma associação docente incomodava os donos do poder, como inaceitável e perigosa transgressão. Razão bastante para que tentassem impedi-la, proibindo reuniões no espaço universitário e mesmo forjando um projeto de criação de uma entidade similar, apresentado numa frustrada assembléia, dirigida por um docente comprovadamente comprometido com o poder. O tal projeto apropriava-se, inclusive, do nome proposto no projeto original (Apuerj).

Nada disso, entretanto, impediu a fundação da Asduerj, em memorável assembleia realizada na ABI. Nascia ali um novo tempo, o triunfo da prática democrática que punha em xeque o poder acadêmico “feudal” e autoritário. Saía

vitorioso um projeto progressista, em muito graças à coragem e persistência da liderança do amigo Ricardo Santos, que viria a ocupar a presidência na primeira diretoria, na qual tive a honra de compartilhar a vice-presidência com o amigo Ronaldo Lauria.

Não foram poucas as conquistas da entidade. Conta-se, entre elas, o reconhecimento de sua condição sindical, a liderança nas reivindicações dos docentes, a democratização do processo de eleição dos dirigentes universitários, a admissão por meio de concurso, a representação efetiva da categoria.

Registro aqui um pedaço da história que o tempo comprovou ter valido a pena.

*A criação de uma
associação docente
incomodava os
donos do poder*